

‘Devoção mariana oficial na Polônia (N.S. do Monte Claro, Częstochowa) e no Brasil (N.S. da Aparecida)’ – reflexões comparativas

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v7i21.26575

Renata Siuda-Ambroziak (Polônia)¹

Resumo: O artigo pretende apresentar reflexões comparativas entre os dois catolicismos: polonês e brasileiro por meio da tentativa da análise concisa de duas devoções marianas oficiais: polonesa (Nossa Senhora do Monte Claro em Częstochowa) e brasileira (Nossa Senhora da Aparecida). A hipótese do autor é que, apesar das diferenças óbvias entre os dois países, as duas sociedades e as duas Igrejas, existem inegáveis semelhanças entre a Polônia e o Brasil no campo da devoção mariana e religiosidade popular.

Palavras-chave: religião, religiosidade, devoção mariana, Polônia, Brasil

‘Official Marian Devotion in Poland (Our Lady of Monte Claro, Częstochowa) and in Brazil (Our Lady of Aparecida)’ – comparative reflections

Abstract: The article aims to present comparative reflections between the two Catholicisms: Polish and Brazilian by means of a concise analysis of two official Marian devotions: Polish (Our Lady of Monte Claro in Częstochowa) and Brazilian (Our Lady of Aparecida). The hypothesis of the author is that, despite the obvious differences between the two countries, the two societies and the two churches, there are also some clear similarities between Poland and Brazil, especially with regards to Marian devotion and popular religiosity.

Keywords: religion, religiosity, Marian devotion, Poland, Brazil

'La devoción mariana oficial en Polonia (Nuestra Señora de Monte Claro , Częstochowa) y Brasil (Nuestra Señora de Aparecida) ' - reflexiones comparativas

Resumen: El artículo tiene como objetivo presentar reflexiones comparativas entre los dos catolicismos : Polaco y el brasileño tratando análisis conciso de dos devociones marianas oficiales : Polaco (Nuestra Señora de Monte Claro en Częstochowa) y Brasil (Nuestra Señora de Aparecida). La hipótesis del autor es que aunque de las diferencias obvias entre los dos países, las dos sociedades y las dos iglesias, hay similitudes innegables entre Polonia y Brasil en el campo de la devoción mariana y la religiosidad popular.

Palabras clave: religión , religiosidad , devoción mariana , Polonia , Brasil.

Recebido em 20/12/2014 - Aprovado em 30/01/2015

Introdução à temática

O Brasil e a Polônia são países e nações com história, realidades socio-culturais e características muito diferentes, difíceis para fazer comparações e procurar os laços diretos e semelhanças óbvias (apesar de existirem, principalmente por razões demográficas ligadas à numerosa imigração polonesa no Brasil, relações históricas da

¹ Renata Siuda-Ambroziak (r.siuda@uw.edu.pl), doutora em filosofia social, professora do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia, coordenadora institucional do ranking e promoção acadêmica internacional da Universidade de Varsóvia. Possui bacharelato em Neofilologia Inglesa, mestrado em Estudos Ibéricos e em Estudos Latino-Americanos, pós-graduação em Psicologia Social, pós-doutorado em Direito da Propriedade Intelectual. Ocupa-se dos estudos das transformações religiosas, sociais e políticas contemporâneas na América Latina.

amizade ‘transatlântica’ e cooperação cultural entre as duas nações vistas, por exemplo, na atitude do Brasil face à questão da recuperação pela Polônia da independência no início do século XX².

Uma delas, no entanto, é que ambas as sociedades (polonesa e brasileira) são ainda, sem dúvida, majoritariamente cristãs e, apesar da caída sistemática nas estatísticas, predominantemente católicas (segundo os dados do último censo do IBGE de 2010 – 64,6% da população brasileira declara-se católica e segundo os dados do último censo geral do GUS de 2011, faz isso 87,5% da população polonesa).

Uma outra semelhança pode ser que, apesar do nosso catolicismo e as nossas Igrejas serem muito diferentes (o catolicismo polonês - tradicional, conservador, ligado fortemente aos sentimentos patrióticos; o catolicismo brasileiro - sincrético, aberto às interferências culturais e religiosas; a Igreja polonesa - hierárquica, piramidal, nacional em termos da origem do clero, com o número suficiente das vocações; a Igreja brasileira - progressista, com uma estrutura mais horizontal que vertical, mais democrática, com o poder real do laicato, números elevados do clero da origem estrangeira, inclusive polonesa³, e comparavelmente poucas vocações nacionais)⁴, elas passaram por momentos muito parecidos na sua história recente.⁵ Ambas as igrejas caracterizaram-se pelo forte engajamento social e político na segunda metade do século XX, tornando-se os bastidores da oposição democrática e verdadeiros santuários da disobediência cidadã frente aos abusos do poder dos respetivos governos (a Igreja polonesa – contra o regime comunista da esquerda, enquanto a Igreja brasileira – contra a ditadura militar da direita). E ambas foram também descritas por CASANOVA (2005) como exemplos perfeitos da sua teoria das ‘igrejas públicas’, socialmente e politicamente ativas, as duas reforçando os

² Na tradição das relações polono-brasileiras, uma questão particularmente digna de acentuação é a antigamente significativa emigração das terras polonesas para o Brasil (e a presentemente numerosa comunidade brasileira de origem polonesa, especialmente nos estados do sul). Foi ainda nos finais do século XIX, quando estabeleceu-se no Brasil o maior contingente dos imigrantes poloneses na América Latina, na maioria camponeses. No seio desta imigração encontraram-se também os representantes do clero polonês, chegados para exercer o trabalho pastoral por entre os seus compatriotas, e da *intelligentsia* polonesa da época. Alguns deles marcaram a sua presença no Brasil de uma maneira visível, como por exemplo: Pedro Napoleão Luís Czerniewicz (médico, um dos fundadores da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro); Teodoro Ochsz (um dos construtores de estradas de trecho no Paraná e Santa Catarina); Bronislaw Rymkiewicz (projetou e executou a construção da estrada de ferro São Paulo-Santos); Jan Zak, conhecido no Brasil como João Zaco Paraná (escultor e professor da Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro); Zbigniew Zygmunt Ziemiński (o pai do teatro brasileiro), e muitos outros. O Brasil tornou-se o primeiro país da América Latina a estabelecer as relações diplomáticas com o Estado da Polónia renascido em 1918 e o Rio de Janeiro - a primeira sede da representação diplomática polonesa no continente sul-americano.

³ O número do clero missionário polonês no Brasil contemporâneo, segundo os dados da Missão Católica Polonesa no Brasil (http://www.polska-misja.com.br/site/missionarios_poloneses.php?lang=pl, acesso 24.11.2014), é 312, entre eles 4 bispos poloneses e 8 brasileiros de origem polonesa.

⁴ Os números das vocações comparadas nos dois países: <http://kosciol.wiara.pl/doc/1528656.Raport-powolania-w-polskim-Kosciele>, acesso 22.11.2014; http://www.ceris.org.br/antigo/pdfs/analise_censo_igreja_2011.pdf, acesso 22.11.2014.

⁵ Antes disso, as histórias das duas Igrejas: polonesa e brasileira eram bem diferentes: a Igreja na Polónia, fundada formalmente com o batismo do duque Mieszko I já no ano 966, segundo ritual latino; a Igreja brasileira fundada pela Coroa portuguesa sob a lei do padroado no território colonial logo depois do descobrimento; a Igreja polonesa – forte e independente do Estado, baluarte do cristianismo tradicional na Europa do Leste; a Igreja brasileira – desde início bem sincrética, bastante fraca institucionalmente e dependente do Estado.

movimentos da proteção dos direitos humanos, providenciando os novos conceitos da justiça social, liberdade, igualdade, bem comum e solidariedade. Segundo Casanova, as Igrejas em ambos os países tentaram influenciar a construção de uma nova ordem social - democrática, na aliança com o povo, facilitando ao mesmo tempo aos seus seguidores a aprendizagem da liderança e capacidades essenciais na futura atividade social e política.⁶

Além disso, as duas Igrejas são também, apesar de todas as diferenças, profundamente enraizadas na piedade popular, apresentando gosto pela religiosidade de cunho medieval com as suas procissões, romarias, intermediação dos santos para todas as ocasiões, milagres, velas e flores nas figurinhas e cruzeiros, votos de cera e, *last but not least*, peregrinações. Ambas as Igrejas são ainda conhecidas pelo forte apego à devoção mariana, reconhecida plenamente não só pelos fiéis, mas também aceite e promovida pela hierarquia eclesial - em ambos os países é Santa Maria a padroeira da maioria das paróquias (na Polónia c. 28%; no Brasil c. 37%, enquanto Jesus Cristo na c. Polónia 11%, no c. Brasil 8%)⁷ e possui dois dos seus mais importantes e melhor conhecidos santuários no mundo: o do Monte Claro de Częstochowa e o da Aparecida.

As duas Nossa Senhoras: polonesa e brasileira

A devoção mariana foi sempre muito viva na Igreja católica, especialmente na piedade/religiosidade popular, oficialmente aprovada já no Concílio de Efezo em 431, quando foi concedido a Maria o título de Theotokos – a Mãe de Deus. Já no Concílio Tridentino em 1545 foi aprovada a veneração das pinturas e estatuas dos Santos (inclusive as da Maria), o que fez santuários, especialmente marianos, ainda mais populares. Apesar da Reforma e as suas protestas contra a idolatria em forma das imagens veneradas no mundo católico, a devoção mariana na Polónia e no Brasil fica até hoje um fato indiscutível, uma das mais visíveis marcas do catolicismo polonês e brasileiro, com a recíproca fama das duas Marias tornando-se mais um fio ligando as duas nações. Vale a pena lembrar-nos que a devoção mariana ficou fortalecida na segunda metade do século XIX, depois do dogma sobre a Imaculada Conceição da Maria (1854) e uma série de aparecimentos importantes, por exemplo em La Salette (1846) e Lourdes (1858). Já no século XX, o Papa Pio XII, em 1942, ofereceu a humanidade ao Imaculado Coração da Maria, a Mãe Poderosa e a Confiável Intercessora, e depois da guerra, estabeleceu o dia da Santa Maria – Rainha do Mundo. Um grande fã do culto mariano e um devoto fiel da Nossa Senhora (especialmente a do Monte Claro) era JP II (o lema do qual era Totus Tuus), por várias, além das pessoais, razões, entre elas: culturais (nacionalidade polonesa), sociais (o Papa era um representante do ambiente mariano académico de Cracóvia) e até

⁶ A teoria das 'religiões públicas' de CASANOVA (2005) considera a tese sobre a desprivatização e a politização da religião como o resultado da reação por parte das instituições religiosas (aqui: Igreja católica) à sua marginalização sugerida pelos pregadores da secularização. O autor vê assim no retorno da religião institucionalizada o fator importante para a construção das sociedades participativas pós-modernas, das quais assim a religião, como a Igreja institucional constitui (ou pelo menos deveria constituir) uma parte integral.

⁷ Dados da pesquisa da autora baseada na lista de todas as paróquias na Polónia e no Brasil: Polónia - http://www.marszal.nazwa.pl/wykaz_parafii/e-kat_parafii.pdf, acesso 23.11.2014; Brasil – *Anuário Católico do Brasil 2011/2012*. CERIS, Promocat Marketing, CNBB, CRB, São Paulo, 2014.

geográficas - ele era proveniente da região do sul do país, bem próxima do santuário do Monte Claro.

Mas, a devoção mariana da Polônia e do Brasil tem também as suas raízes próprias, não necessariamente ligadas aos fatos da história da Igreja universal ou decisões do Vaticano. O Brasil herdou a sua devoção mariana dos colonizadores – portugueses, cuja religiosidade sempre era profundamente mariana, fazendo até parte da política do Estado – já em 1139 o rei de Portugal consagrou o reino à Mãe de Deus. Em 1640, a Virgem da Conceição tornou-se oficialmente Padroeira de Portugal e de todas as suas possessões ultramarinas com a primeira imagem da Nossa Senhora (a da Esperança) chegando no Brasil já junto com a caravelas de Pedro Álvares Cabral. No caso da Polônia, o cristianismo também configurou cedo a nação como comunidade religiosa e já da Idade Média provem no catolicismo polonês o culto mariano. Foi no século XIV quando apareceram pela primeira vez nas fontes históricas as menções da pintura maravilhosa da Nossa Senhora do Monte Claro, que começou a atrair os romeiros e peregrinos (enquanto no caso da Aparecida foi só o século XVIII). O rei de então, Ladislau IV, cercou o morro com muralhas para defesa e assim o mosteiro começou a servir também uma função militar de assim chamada Fortaleza Mariana, que desenvolveu um papel importante durante muitas das guerras travadas pelos poloneses na sua história.

A fama da Nossa Senhora do Monte Claro espalhou-se especialmente no século XVII, depois de uma série de lutas contra as invasões suecas (1655-1660), quando, como diz a lenda, o aparecimento milagroso da Nossa Senhora do Monte Claro fez com que os protestantes suecos desistissem do plano da ocupação e destruição do mosteiro. O apego da nação aos valores religiosos e culturais, assim como ao culto da N.S. de Częstochowa, ajudou aos poloneses preservar a sua identidade (sempre ligada com a forte devoção mariana) apesar de não possuírem por mais de 125 anos o Estado próprio. O santuário de Częstochowa tornou-se o verdadeiro coração da nação, o lugar sagrado e o forte símbolo patriótico ao mesmo tempo.⁸

⁸ A tortuosa e complicada história da nação e do Estado polonês começou com partilhas entre as três potências vizinhas (Rússia, Prússia e Austria) em 1795. Todo o século XVIII ficou registrado na memória dos poloneses como um século de luta e de sucessivas revoltas, todas terminadas em derrotas. Assim, o processo de formação da consciência nacional estava relacionado com o sentimento da distinção religiosa, cultural e étnica que, com o tempo, mostrou-se muito forte face aos ocupantes. Em 1918 os poloneses reconstruíram um Estado independente graças à catástrofe que experimentaram todos os três países ocupantes durante a I Guerra Mundial e conseguiram defender-se logo em 1920 da invasão bolchevista. No entanto, o Estado independente durou somente por 20 anos – a II Guerra Mundial, iniciada pela Alemanha, na Polónia foi agravada pela invasão simultânea das tropas soviéticas. No país ocupado foi criado, entre as várias conspirações, o Estado Subterrâneo – a mais extensa e eficaz forma de contraposição à ocupação nazista na Europa. Mas, ao final da guerra, os aliados, prontos a reconhecer as exigências de Stalin, deixaram o Exército Vermelho ocupar a Polónia de novo. O novo governo, totalmente subordinado aos interesses soviéticos, foi instalado e a resistência da sociedade foi quebrada pelo terror. Praticamente o único fator que criava obstáculos fortes para o processo da sovietação da nação era o tradicional catolicismo popular e a devoção à Nossa Senhora do Monte Claro. A luta contra esse vínculo nacional, definida oficialmente como a luta contra o nacionalismo, foi levada a cabo pela repressão constante à Igreja católica polonesa e aos que defendiam os lugares do culto mariano, especialmente o de Częstochowa. A Igreja da Polónia, dirigida pelo Primaz Wyszyński, apostou na preservação das raízes populares da fé e a sua perseverança tornou-se a fonte de uma inquestionável autoridade. O outro fator forte do apego da

O Código Canônico da Igreja Católica de 1983 define o santuário como: „a igreja ou lugar sagrado, para o qual, com o consento da hierarquia e após a devida consagração do Ordinário do lugar, peregrinam de uma maneira sistemática e regular por razões da piedade religiosa os números consideráveis dos fiéis da Igreja católica” (Livro IV, parte 3, Kan. 1230-1234). Os santuários podem ser locais, nacionais e internacionais, sendo que para o estabelecimento dos últimos é necessário obter o permissão do Vaticano. Segundo JACKOWSKI (2006: 163-165), atualmente existem no mundo católico mais que 6 mil santuários marianos de importância pelo menos regional, entre eles: os santuários marianos mundiais/universais; santuários marianos internacionais/continentais; santuários nacionais e santuários regionais. Os 10 mais importantes, maiores e mais frequentemente visitados santuários marianos do mundo são: Guadalupe (México); Lourdes (França); Monte Claro (Częstochowa, Polônia); Aparecida (Brasil); Luján (Argentina); Montserrat (Espanha); Medjugorje (Bosnia e Herzegovina); Copacabana (Bolívia); Caacupé (Paraguai); Chinquiquira (Columbia).

Os santuários marianos do mundo são visitados, antes de tudo, pelos peregrinos, por razões puramente religiosas (ou da saúde no caso dos santuários famosos pelos milagres), sendo a maioria das peregrinações emanação da piedade popular na devoção mariana e, não raramente, também a única forma da mobilidade espacial das câmaras mais pobres nas duas sociedades. As peregrinações, tão importantes no caso de Częstochowa e Aparecida, pertencem aos mais velhos e tradicionais fenômenos e comportamentos religiosos, presentes praticamente em todas as crenças do mundo, que, com o tempo, sofreram evolução, apesar do fato que a essência do fenômeno tem permanecido a mesma – a vontade dos peregrinos de ter contato com o sacrum no locus sacer (santuário) por meio da sua presença física no dito lugar e por meio da preparação especial psico-física para o encontro pelo sacrifício do caminho, da viagem, da distância e da penitência. O prestígio e a popularidade de um santuário e a popularidade de uma devoção concreta pode mudar com o tempo dependendo dos votos (da quantidade e qualidade), da fama dos milagres, da dinâmica do culto, autoridade do Santo ou popularidade do objeto da veneração. O impulso para criação do santuário pode ser, como no caso de Fátima ou Lourdes, um acontecimento específico de caráter religioso, como a aparição da Santa, mas não é o caso de nenhum dos discutidos santuários, onde o culto se baseia somente nas imagens da Mãe de Deus consideradas suficientemente poderosas para que, por meio delas, a Maria intermediasse e fizesse milagres.

Assim no Brasil, como na Polônia, existem peregrinações anuais ligadas com a festa nacional da Santa Padroeira, que continuam sendo importantes e fortes, influenciado não somente a formação e a preservação da cultura religiosa, mas também a

nação ao catolicismo popular com a devoção mariana foi a eleição, em 1979, de Karol Wojtyła, para o Papa, João Paulo II, o seu apoio para o movimento da Solidariedade e as suas triunfais peregrinações pela Polónia, aos pés da Nossa Senhora do Monte Claro, o destino das peregrinações regulares, apesar de oficialmente proibidos, dos representantes da oposição democrática chefiada por Lech Walesa. Assim o núcleo de resistência social, coordenada pelas estruturas clandestinas da Solidariedade, encontrava o seu duradouro apoio no seio da Igreja católica e – no mosteiro da Nossa Senhora do Monte Claro.

situação socio-econômica dos santuários e da sua região. O impulso para o desenvolvimento de um lugar de devoção mariana (melhoramentos na infraestrutura, investimentos na parte arquitetônica, etc.) sempre vinha assim também da população local, para a qual as peregrinações, romarias e migrações ligadas aos fenômenos religiosos são elementos importantes de ganhar a vida.

Talvez por isso, a peregrinação da pintura do Monte Claro pelas paróquias do país ocorre somente durante outono e inverno – meses impróprios por causa do clima para romarias e peregrinações. Pela mesma razão aconteceu no Brasil o protesto e descontento famoso dos habitantes de Aparecida na resposta ao pedido dos generais em 1965 para a viagem triunfante da estatua pelo Brasil inteiro e a aclamação dela como „generalíssima das gloriosas forças armadas do Brasil”, o que resultou no consenso trabalhado cuidadosamente pelos padres - para que o desaparecimento da N.S. da Aparecida não fosse o castigo para os habitantes da região em termos do comércio que dependia muito do turismo religioso, a figurinha viajava para uma região e voltava em seguida para algum tempo, depois deixava-o indo para uma outra região, permanecendo no lugar dela na basílica uma réplica. Naquele momento histórico, o que vale a pena sublinhar, não tinha ainda uma oposição ideológica forte frente à ditadura militar por parte da hierarquia da Igreja brasileira, o que aconteceu um pouco mais tarde com a mudança na atitude da CNBB frente ao regime por causa da violência contra a oposição política. Aliás, o que vale a pena dizer, a dita peregrinação da Padroeira, patrocinada pelos governos militares, finalmente deu certo também para o povo da Aparecida em termos do crescimento substancial de visitas anuais ao santuário, provavelmente pela razão do conhecimento da existência da Padroeira pelos brasileiros de outras regiões do país.

Ambas as nações ocupam um lugar de destaque em termos dos números de peregrinos nacionais aos seus centros do culto mariano, apesar do fato que os dois maiores santuários marianos são também visitados por razões somente cognitivas (históricas ou arquitetônicas), atraindo multidões de turistas. Desde o início, foram a pintura e a estatua famosas que formaram na verdade as cidades (Częstochowa e Aparecida), sendo os romeiros por muito tempo uma fonte substancial (ou até única) de renda para todos os seus habitantes. Especialmente na últimas décadas observamos os fenômenos do turismo religioso, aonde as pessoas não se movem necessariamente pelas razões puramente religiosas nas suas viagens aos santuários marianos e não necessariamente são devotas da Nossa Senhora. O santuário do Monte Claro atraía também sempre aos poloneses não necessariamente católicos pelos motivos puramente patrióticos, especialmente durante os momentos difíceis da história nacional (por exemplo no período das repartições ou na época comunista).

Ambos os santuários marianos – o do Monte Claro e o da Aparecida - gozam do maior prestígio, sendo considerados pela Igreja como santuários universais, lugares oficiais da devoção mariana, que integram a comunidade católica nacional e internacional, sustentam as tradições da piedade mariana popular e até criam a sua própria subcultura religiosa forte e expansiva, sobrepondo-se aos outros, mais locais lugares de culto mariano e provocando com frequência o desaparecimento das suas funções religiosas (o

processo muito mais visível na Polônia, menor do ponto de vista do território e menos diversificada, e menos no Brasil, dividido em regiões muito diversas, das quais cada uma possui o seu lugar do culto mariano regional forte, com as influências e significado indiscutíveis para a população local).

Do grande significado dos dois lugares da devoção mariana diz também o fato de serem sempre o destino das viagens papais, inclusive o santuário da Aparecida ficou o primeiro visitado pelo novo Papa Francisco. Por razões óbvias, Monte Claro foi o primeiro santuário visitado oficialmente pelo JP II (e, vale a pena mencionar, que cada das oito vindas do papa polonês ao santuário, era o motivo das grandes peregrinações nacionais, patrióticas e oposicionistas, nos tempos da Solidariedade, também durante a Lei Marcial declarada pelo governo comunista em 1981 – a importância do lugar e da devoção mariana para a oposição política é mostrada por Lech Walesa, o ex-presidente da Polônia e o líder da Solidariedade, que sempre aparece em público com o signo da Nossa Senhora de Częstochowa na lapela.

Foi também o JP II quem consagrou a nova basílica da Aparecida em 1980. O interessante é que durante a sua homília o Papa polonês reforçou a idéia e a crença popular de que a Aparecida é de pele escura, comparando-a a santa milagrosa dos poloneses, a Virgem do Monte Claro que ficou, por sua vez, também escura (só que não tanto pela lama do rio, mas por causa da fumaça das velas). Ambos os santuários estão nas mãos das ordens religiosas – o da Polónia - padres paulinos; o do Brasil-redemptoristas.

Definitivamente, as duas Rainhas (a da Polónia coroada em 1656) quando também ficou a Padroeira oficial e a do Brasil coroada em 1904, (tornando-se Padroeira do Brasil em 1931 na época de Vargas) nunca se deram bem com as ditaduras – provavelmente porque as ideologias políticas raramente aceitam alguma concorrência na disputa pelos corações e mentes. O comunismo achava a religião um 'ópio para as massas' e 'o coração do mundo insensível' e não gostava da Igreja católica em geral (na Polónia sempre com grande reciprocidade), mas enquanto na Polónia Jasna Góra começou muito cedo a ser percebida como um dos centros da oposição democrática ao regime comunista, o lugar da integração nacional face à 'amizade' soviética (com as peregrinações tornando-se cada vez mais protestas de massa contra o regime), os padres da Aparecida concentraram-se nos anos da ditadura militar na construção da basílica e o crescimento anual do número dos romeiros, sem entrar nas questões políticas.

Ao mesmo tempo, muitos outros representantes do clero católico no Brasil assumiram abertamente a liderança contra as atrocidades do regime e foram presos, exilados, torturados ou até mortos (a mesma coisa acontecia ao mesmo tempo na Polónia – foi naquele então que o país ganhou mais um santo – padre Jerzy Popiełuszko, anti-comunista, morto pelos agentes secretos do regime).

A situação do mosteiro do Monte Claro mudou bastante durante a ditadura comunista na Polónia. Os comunistas, tentando competir com as influências da Igreja católica e nivelá-las, ignoraram o fato de existência do santuário nacional mariano em Częstochowa, visando em futuro a liquidação dele e limitação da sua função do bastidor

do anticomunismo. Uma clara amostra dessa política estava no novo plano urbanístico da cidade, que se baseava na formação de um novo centro, deixando Monte Claro praticamente fora de Częstochowa. Em vez de investir na 'indústria romeira' do santuário, os governos comunistas começaram a criar ao redor dele um novo, grande polo industrial para minimizar o seu significado religioso, mas também puramente financeiro para a região, o que deveria, com tempo, desfazer este grande símbolo não somente da devoção mariana, mas também duma forte identificação nacional-religiosa como o coração da identidade da Polônia. Isso fez com que o Monte Claro por muitas décadas desenvolvesse-se não graças a política do governo, mas apesar dela. Isso se traduz também no fato de um dos maiores centros marianos do mundo praticamente não possuir nenhuma base hoteleira decente para os fins peregrinários, o que se vê claramente todos os anos durante a maior festa mariana da Polônia (26 de Agosto – a festa da Padroeira), que constitui ainda, assim como no caso da festa dedicada à Padroeira do Brasil (12 de outubro), um dos elementos mais importantes da realidade cultural e social de ambos os países.

Conclusões

Os dois santuários, das duas Marias, e o impacto delas nas sociedades e na cultura religiosa dos respectivos países são, como pudemos mostrar, inquestionáveis. Apesar de muitas diferenças ligadas às características históricas, sociais e políticas da Polónia e do Brasil, as Santas Padroeiras de ambos os países são profundamente enraizadas na piedade popular das duas nações, o que é visível especialmente no fenómeno das peregrinações aos maiores santuários nacionais. A devoção mariana dos católicos poloneses e brasileiros, tão importante durante os períodos difíceis na vida das duas nações (por exemplo durante a discutida época das ditaduras), é também plenamente reconhecida no mundo, visto que as duas 'Marias pretas, ou Madonnas de pele escura' mais famosas do mundo (uma, do Monte Claro, na pintura; outra, a de Aparecida – na estatua), são abrigadas nos dois dos maiores, mais conhecidos e visitados santuários marianos do mundo: Aparecida com 5 milhões de visitantes e o Monte Claro de Częstochowa com 6 milhões visitantes anualmente.

REFERÊNCIAS

- CASANOVA, J. *Religie publiczne w nowoczesnym świecie*. Kraków: NOMOS, 2005.
HAUCK, J. F. Visão histórica da devoção Mariana no Brasil. In: *Teologia e devoção Mariana no Brasil*, Cleto Caliman (org.), São Paulo: CNBB/Paulinas, 1989.
JACKOWSKI, A. *Świąta przestrzeń świata. Podstawy geografii religii*. Kraków: WUJ, 2006.
JACKOWSKI, A. *Zarys geografii pielgrzymek*. Kraków: WUJ, 1991.
MEGALE, N. B. *As 107 invocações da Virgem Maria no Brasil, história, folklore e iconografia*. Petrópolis: Vozes, 1980.